

O HUMANISTA E A CIDADE: LUCUBRAÇÕES ERASMIANAS

JORGE A. OSÓRIO

INSTITUTO DE ESTUDOS IBÉRICOS DA FLUP

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA UC

ABSTRACT

«What other thing is the city but a large monastery» (letter to Martinho Dorp, 1518); «I have always let myself be enchanted by the large buildings and the big cities» (letter to Johann Choler, 1529). These two phrases by Desiderius Erasmus synthesise the theme of this article: the idea of the humanist from Rotterdam that the life of Christians should concentrate on the imitation and on the philosophy of Christ. Contrary to the so frequent praise of rural life during the Renaissance, Erasmus valued and appreciated the familiarity provided by the city both in friendship and on an intellectual level.

“Feliz quem, tranquilo, / acaba o seu dia / sem lágrimas” (ÁLCMAN, fr. 1 Diehl: vv 37-39), palavras velhas de mais de dois milénios e meio, que sinalizam um dos pontos mais fortes da reflexão ocidental sobre a condição existencial do homem. Erasmo não as conheceu, mas sem dúvida as subscreveria.

Numa longa carta escrita no primeiro dia de fevereiro de 1523 a João Marco Laurino, deão do Colégio de S. Donaciano em Bruges, Erasmo, aludindo ao convite da cidade de Zurique para que aceitasse o direito de cidade que lhe era oferecido, respondia – em clara ressonância de um passo de Séneca: “non sum uni angulo natus, patria mea totus hic mundus est” (*ad Luc.*, 28.4) – que “preferia ser cidadão do mundo inteiro a sê-lo de uma única cidade” (V, ep. 1342). Não era a primeira vez que exprimia essa sua visão da condição universal ou católica do homem cristão, em quem revia a sua própria pessoa; dez anos antes, numa carta a que teremos de voltar, exprimia esse mesmo ponto de vista e haveria de o retomar depois mais do que uma vez; por exemplo em maio de 1529, reportando-se a um dos *Adágios*, escrevia que “a pátria é o lugar onde se está bem”, do ponto de vista cristão, claro (VIII, ep. 2158), ideia reforçada em carta do mesmo ano (VIII, ep. 2196), glosada em 1531 na forma “onde o meu pobre corpo for enterrado não tem grande importância” (IX, ep. 2419, jan. 1531).

Em boa verdade, é a partir do início da década de 1520 que a correspondência erasmiana retoma a ideia, insistindo em dois aspectos mais importantes: por um lado sublinhando a humildade da sua condição de cristão, por outro enfatizando esse seu constante ponto de vista de que a vida do cristão será essencialmente espiritual se fundada no Evangelho, o que conduzia directamente à ideia de que uma virtude central da condição cristã consistiria em desvalorizar os bens terrenos e mundanos. Qualquer contemporâneo não deixaria de ler estas afirmações à luz dos juízos tão fortemente críticos de Erasmo relativos à vida monástica. E, no entanto, para que se enquadre com alguma segurança o assunto destas linhas, qual seja a sua relação com a *cidade*, convém frisar bem a distinção entre esses dois planos, perspectiva que lhe causou apreciações menos favoráveis e até mesmo menos respeitadas da parte dos adversários, que não procuravam vê-lo a tomar partido no quadro da querela religiosa da época.

Apesar de Erasmo ser um autor que não pensava de forma sistemática, mas por temas que iam sendo retomados e glosados ao longo dos anos (MARGOLIN, 1973), existia nele um eixo central claramente definido: o exemplo de Cristo e do seu ensinamento, no que valorizava sobretudo a figura do *Cristo pedagogo*, no quadro da perspectiva pastoral dos autores primitivos, em particular os Padres gregos, cuja teologia sentia mais aquecida pelo *calor* da afectividade do que a *fria* teologia escolástica; a maneira como, sem dúvida enaltecendo, admirando e utilizando largamente Sto. Agostinho, o chegou a colocar abaixo dos Gregos – “Agostinho é um grande doutor, mas não pode ser comparado a nenhum dos Gregos” (III, ep. 898, out. 1518?) – é disso um claro sinal. E, no entanto, encontrava nos seus escritos um autorizado apoio para as suas preocupações quanto à pedagogia sobre os comportamentos que deviam orientar a vida do cristão. Um dos dons que nele valoriza, no prefácio à edição em dez volumes de 1529 (VIII, ep. 2157), é precisamente a função pastoral do bispo e a frugalidade dos seus costumes, a par da hospitalidade. Recuava até aos autores cristãos dos primeiros quatro séculos, ou seja a uma fase da história da Teologia em que ainda não se haviam imposto muitos dos conceitos que, no séc. XVI, já eram familiares, em busca de uma dimensão religiosa que valorizasse um *affectus* que unisse os cristãos e os estimulasse a um empenhamento quase épico na afirmação do seu credo, marginalizando (ele Erasmo) aquilo que de dissidências, de controvérsias e de polémicas havia marcado esses tempos primitivos; por exemplo, em 1518 tinha confessado: “Aprendo mais com uma única página de Orígenes do que com dez de Agostinho” (III, ep. 844, mai. 1528). Assim, e porque isto intersecta também o assunto aqui em vista, quando faz sair em 1524 o seu *Ensaio sobre o Livre Arbitrio* contra Lutero, é ainda e sobretudo a centralidade do problema do comportamento e das forças do homem que

coloca em cima da mesa, ou seja a primordial importância a dar à realidade cristã, em que gostaria de ver transparecida a figura do *Cristo pedagogo*.

Em segundo lugar, há que ter em conta a distinção entre o plano do ideal monástico e a realidade observável (ainda que a sátira a distorcesse) do comportamento dos frades na sua vida concreta; eram dois planos que não queria confundir, como fica claro de um passo de uma carta de resposta a Juan Maldonado, que, para acalmar os ânimos, o exortara a escrever algo sobre os seus verdadeiros sentimentos quanto ao monacato, onde se lê: “eu tenho apreço e venero do fundo do coração os monges em quem brilha a imagem do verdadeiro monaquismo e ainda agora nenhum outro género de vida me sorriria mais se a minha saúde não fosse tão frágil que não poderia viver na companhia de outros sem me tornar um peso para eles” (VII, ep. 1805, mar. 1527). Atente-se na ironia do que vem a seguir: “Uma mudança de roupa, alimentos cozinhados de forma diferente da habitual, servir-me de um vinho de tipo diferente, uma mudança de lugar, um estar sentado durante muito tempo, um céu menos clemente aterrorizam-me de imediato e põem a minha vida em perigo”. Com dificuldade se encontrará um auto-retrato de Erasmo tão fisicamente delineado. Tão frágil, tão modesto – “se bem que tenha recebido convites de monarcas, bispos, cidades em condições que não eram de desprezar, entendi ficar comigo mesmo, reservando para a conversação dos meus amigos, em alguns dias fixos, uma ou duas horas, se tanto, da parte da tarde. A seguir ao jantar, a delicadeza do meu estômago a custo me permite suportar uma conversa; então mando um criado leia para mim” –, de uma regra de vida que lembra mais o filósofo estoico do que o monge asceta. O seu recolhimento fazia-se com as letras, no sentido forte do termo: no convívio com os textos, incluindo nestes as cartas que guardava cuidadosamente em *dossiers* organizados (VII, ep. 1805, mar. 1527). Temos, por conseguinte, os ingredientes essenciais para o tema em apreço: o papel que a *cidade* teve na vida e no pensamento de Erasmo e os principais dados que envolvem a questão, a começar por esse constante argumento de que a sua saúde serve para justificar quase tudo o que lhe parecesse causar incómodo.

Começemos por observar que a *cidade* é o local natural (o que não é o mesmo que ideal) para a vida que Erasmo assumiu; mas, ao mesmo tempo, anotemos que o *mosteiro* é um ideal de vida cristã que nunca desapareceu do seu espírito. Isto não quer dizer que faça a apologia da cidade como realidade sociológica; não aceitando viver na regra conventual (como também recusando viver na regra cortesã), encontra na cidade o ambiente mais propício àquilo que foi o seu principal gosto e objectivo: dedicar-se ao saber das letras aspirando a uma convivência comunitária, na base de uma amizade humanista, entre cristãos preocupados com a doutrina evangélica e com a felicidade que cada um daí

poderia colher. Uma essência que surge plasmada no sintagma aparentemente simples de *filosofia de Cristo*, que tão intimamente está ligado à leitura e a uma das tarefas que preencheram a sua vida, qual foi a edição dos textos dos principais autores primitivos cristãos, expressão que começa a usar a partir de 1515.

É claramente significativo o que escreveu em Friburgo, em fevereiro de 1533: “monge é sinónimo de cume das virtudes heróicas, aquelas que atraem a benevolência e o favor dos bons”; se não se gosta da palavra, diz, use-se então *isolado, solitário*, mas entenda-se que esse isolamento não se deve interpretar do ponto de vista material (nem os Cartuxos viviam isolados), antes como uma “barreira posta diante das más tendências”, ou seja no plano espiritual. Vista por este ângulo, essa solidão implica uma “fraternidade que gera uma solidão feliz”, que, por sua vez, não pode ser afectada pela vida social: “na Corte dos Príncipes, nas funções públicas, no seio das relações humanas é possível ser-se monge” (X, ep. 2771, fev. 1533). Por isso enaltece alguns, poucos é certo, frades, alguns franciscanos, como João Vitrier de Tournai, abade do mosteiro franciscano de Saint-Omer – onde terminará a redacção do *Manual do cavaleiro cristão*, a sair em Lovaina –, que conheceu em finais de 1501, o qual nos sermões valorizava mais a espiritualidade do que as práticas e as cerimónias religiosas – em 1521 colocava-o logo a seguir a John Colet na escala de homens que mais apreciava (IV, ep. 1211, jun. 1521) –, ou aquele Thierry de Munique, que em 1532 diz ter conhecido cerca de quarenta anos atrás e em quem admira a piedade, a capacidade de pregar e a dureza de vida (X, ep. 2700, ago. 1532).

Deste ponto de vista, *ser monge* constitui uma das traves mestras do pensamento erasmiano ao longo dos anos: numa carta de 1501 já dizia que “o estado monacal não é a piedade; não passa de um género de vida, bom ou mau conforme a constituição do corpo e do espírito de cada um” (I, ep. 164, finais de 1501), asserção tornada célebre por ser incluída logo em 1503 na primeira edição do *Manual do cavaleiro cristão*, segundo a qual “monge não é piedade, mas género de vida, útil ou inútil de acordo com o hábito do corpo e do espírito que interessa a cada um” (HOLBORN, 1964, 135) e reforçada no corpo de uma carta de que nos serviremos mais à frente: “a perfeição de Cristo está nos afectos, não no género de vida; está nos ânimos, não nos pálcios ou nos alimentos” (*Manual do cavaleiro cristão*, dedicatória a Paulo Volz, (HOLBORN, 1964, 12; cf. V, ep. 1459, jun. 1524). Trata-se de um aspecto nuclear da obra, do pensamento e da doutrina erasmiana ao longo da vida; por isso, com toda a pertinência um grande estudioso pôde escrever que “o ideal monástico colocou Erasmo no caminho da verdadeira teologia” (CHANTRAINE, 1971: 67). Adaptando este juízo, teremos de considerar que o ideal monástico é inseparável da sua visão do que era, ou deveria ser, a vida comunitária dos cristãos, ou

seja da *cidade*. No fundo, o ideal monástico descrito por João Crisóstomo na *Homília 50*: simplicidade no vestuário e na alimentação, hábitos de trabalho. Infelizmente, os tempos do presente eram muito diferentes, eram o “reino dos ventres” (IV, ep. 1173, dez. 1520).

No plano espiritual e utópico, o *mosteiro* e a *cidade* confluem, em oposição à realidade sociológica e historicamente observável a que os dois termos se reportam. Trata-se, naturalmente, de uma simplificação esquemática, mas sustentada largamente pelos textos do autor; esquemática, mas substancial. Numa das mais importantes cartas que escreveu na sua vida, mas que não publicou, aquela que enviou a um antigo companheiro de Steyn, Servais Rogério, com quem já nos anos de 1487 e 1488 mantivera uma correspondência tradutora de uma forte necessidade de amizade afectiva, missivas essas que também não publicou em vida, carta que, como alguns outros textos congêneres, é também a expressão da sua *figura*, ou seja ostentação de uma imagem que buscava ser mostrada aos outros, Erasmo, no meio dos argumentos que expõe ao seu antigo companheiro de religião para justificar a recusa em voltar ao convento, escrevia o seguinte: “Como é muito mais conforme ao pensamento de Cristo olhar para o universo cristão inteiro como uma única casa e quase como um único mosteiro onde todos seriam cónegos e frades de uma mesma ordem; e pôr o essencial da religião no sacramento do baptismo, e não dar importância ao lugar onde se vive mas ao facto de se viver bem”, ou seja cristãmente! Rogério pretendia que ele, Erasmo, tivesse uma residência fixa, onde pudesse passar a velhice; contudo o impulso para a itinerância era nele mais forte; porém, sublinha, perfeitamente cristão: então não se louvavam as viagens de Sólon, de Pitágoras, de Platão? Então não tinham os apóstolos, sobretudo S. Paulo, viajado tanto? (I, ep. 296, jul. 1514). Como tudo isto ficava longe da apropriação que, meio século depois, se fará com mais nitidez do monge humanista, como ideal das letras orientadas para a contemplação!

Viajar não era, porém, observar paisagens, mas visitar cidades para conviver com homens conhecedores das letras, numa espécie de apostolado desenvolvido no seio da *república das letras* europeia. A conversa presencial e as cartas – estas apesar da insegurança do seu transporte – eram os meios privilegiados para isso. A *amizade* era a essência de tudo isso; numa carta que enviou de Oxford para Londres a John Colet pedia: “Vê em mim um homem de fortuna medíocre ou, mais exactamente, de nenhuma, estranho a toda a ambição, muito inclinado a amar” (I, ep. 107, out. 1499?). Num conjunto de cartas mais antigas, escritas ao mesmo Servais Rogério nos anos de 1487-1488, era já patente a mesma necessidade da convivência epistolar com o amigo. Como escrevia pela mesma época a um outro companheiro de Steyn, Cornélio Gerardo, “a paixão de

escrever cresce quando se escreve” (I, ep. 23). Com razão se pôde dizer que Erasmo possuía “um temperamento delicado e ardente, faminto de ternura, muito pouco feito para a vida do claustro” (HALKIN, 1969: 20, 22). Mas há que ter sempre presente, quando se trata de Erasmo, que é na *conversação* – na focalização no *sermo* mais do que no *verbum* – que se enraíza a sua aguda percepção do alcance do renascimento das letras, isto é, no uso pragmático da palavra (o paradigma estava em Cícero), frente à preferência pelo silêncio que a *Imitação de Cristo* renana aconselhava (Boyle, 1977: 101).

Na já referida carta escrita de Lovaina a Martinho Dorp em 1518, que antecede como dedicatória a edição desse ano do *Manual do cavaleiro cristão*, encontra-se um passo que merece alguma atenção. Já no parte final, evocando o contraste, nele tão corrente, entre a religiosidade dos seus contemporâneos e aquela que, bastante utopicamente, considerava ter sido a dos primitivos cristãos, que ele via sobretudo através dos textos da Patrística grega, observa o seguinte: “Tais foram os primórdios do monaquismo, tais os patriarcas, enquanto agora chamamos monges àqueles que se intrometem mesmo no seio dos assuntos mundanos; e colocava a pergunta retórica: porque é que reduzimos de maneira tão evidente [por culpa dos frades, claro] a profissão de Cristo, que Ele quis fosse a mais alargada possível?” É que, perguntava a Dorp, “se queremos ser sensíveis a expressões de maior impacto, que outra coisa não é a cidade senão um grande mosteiro?” (HOLBORN, 1964: 19). A *cidade* – entenda-se, a cidade numa perspectiva cristã – devia ser, em boa verdade, como que um *mosteiro*, ou seja uma *igreja (ecclesia)* ou comunidade de pessoas vivendo segundo os preceitos evangélicos.

A similitude não era nova em Erasmo. Quatro anos antes, na já referida carta a Servais Rogério (I, ep. 206, jul. 1514), usa-a com o mesmo objectivo: “Como é muito mais conforme ao pensamento de Cristo ver o conjunto do universo cristão como uma única casa e quase como um só mosteiro onde todos seriam cônegos e freires de uma mesma ordem”; para tal bastaria colocar a essência da religião no sacramento do baptismo e não se preocupar com o lugar onde se vive, mas antes com o facto de viver bem. Ora, enfrentando a realidade, a cidade que conhecia parecia-lhe melhor do que o mosteiro do seu tempo.

No entanto, como é fácil aceitar, quando imagina uma similitude ideal entre a *cidade* e o *mosteiro*, não está a pensar – nem isso seria de esperar em qualquer autor do seu tempo – na relação que historicamente se pode estabelecer entre as duas instituições e sobretudo na dívida da cidade medieval para com o mosteiro enquanto comunidade organizada (MUMFORD, 1961: 247), que forneceu modelos de funcionamento com normas e regras que evitassem a anarquia e a desordem, visando organizar a diversidade das actividades humanas no seu

interior, como por exemplo a regular distribuição de tarefas pelas horas do dia, a disciplina necessária no seu desempenho, uma hierarquia de funções que implicava não só o indivíduo como o colectivo. Não era esta dimensão sociológica que Erasmo tinha em mente, como é óbvio.

Para compreendermos melhor muito do que opina sobre a *cidade* em variadas cartas, devemos ainda ter presente que Erasmo era um espírito finamente observador da realidade das coisas e da maneira de ser das pessoas. Tal como sucede com um outro tema muito central no seu pensamento, o casamento cristão, distinguia entre plano da doutrina e dos paradigmas ideais e o da realidade concreta. Sobre o casamento as suas opiniões tiveram variações ao longo dos anos; assim, nos anos de 1532-1533, tanto elogia o seu antigo discípulo Quirino Talesius por ter tomado por mulher uma viúva (X, ep. 2735, out. 1532), como critica um outro, Lievin Algoet, por se ter casado por amor com uma jovem sem dote, contra os conselhos dos amigos e pondo de lado todos os benefícios que uma boa posição lhe iria dar (X, ep. 2792, abr. 1533), (BIERLAIRE, 1968: 20).

E assim, se entendia e proclamava que a religiosidade dos cristãos seus contemporâneos afrontava a ideal idade do ouro dos primitivos tempos do Cristianismo, diante de casos concretos a sua atitude podia surgir mais moderada; no passo citado da carta a Juan Maldonado, como em variados outros locais, desculpa-se com a saúde para não aceitar o modo de vida na comunidade conventual (VII, ep. 1805, mar. 1527), sublinhando, como sempre fez, que “não é o hábito que faz o monge” (V, ep. 1436, abr. 1524?; ep. 1459, jun. 1524); mas numa outra carta escrita em Basileia em outubro de 1527 e endereçada a um monge não identificado, seu velho amigo, oito ou nove anos mais novo, tenta demovê-lo da ideia de deixar o mosteiro e passar ao estado de leigo: “durante tantos anos viveste irrepreensivelmente no seio dessa confraria, vives, dizes, num lugar muito confortável, com um clima muito salutar, a conversação com os homens de saber traz-te grande consolação, os bons livros e os talentos não te faltam” (VII, ep. 1887, out. 1527).

Observe-se como os ingredientes essenciais para a felicidade cristã, entendida como imitação de Cristo, são exactamente os mesmos a que aspira Erasmo: recolhimento, leitura e reflexão com livros, usufruto da amizade com homens de saber. Não fala, nessa carta, das normas de conduta inerentes à vida conventual. Sublinha antes a necessidade do recolhimento: “pode haver alguma coisa de mais doce, nesta vida, do que uma pessoa repousar nestas pradarias, de ter uma antecipação da felicidade celeste, sobretudo no nosso tempo, neste século cuja agitação e desgraças ultrapassam a imaginação?” Aspirar a mudar de vida, isto é a sair do mosteiro para viver na cidade real, é uma ilusão, é trocar

um lugar ameno por um lugar horrível. E não eram um péssimo exemplo como aquele monge de Basileia que aos setenta anos se casou com uma religiosa, fazendo dela sua criada? Num recurso que é bastante corrente na argumentação erasmiana, deita mão da experiência pessoal: “conheço pessoas que, enganadas pelo fantasma da liberdade, abandonaram a sua confraria; mudando de vida, tomaram mulher: ei-los miseráveis, exilados, detestados de todos quantos os estimavam.” Mais: “tivesse o meu pobre corpo” – outro argumento corrente em Erasmo – “força suficiente para viver, que eu juro se não prefiro viver aí contigo a ser primeiro bispo no palácio do Imperador. Não tens consciência da tua felicidade nem da miséria do mundo” (X, 2728, out. 1532).

A cidade dos homens era, portanto, o lugar da miséria, sobretudo da miséria espiritual e religiosa. É com a mesma crítica de “tomar mulher” que comenta, ironicamente, o casamento de Lutero em junho de 1525 com uma ex-monja: “Lutero tomou mulher, é uma bela jovem de uma célebre família (catorze dias depois deu à luz...)” (VI, ep. 1624, out. 1525), e mais tarde acrescenta: “Lutero começa a mostrar-se agora mais doce; nada de tão selvagem que uma esposa não domine” (VI, ep. 1653, dez. 1525), tema do colóquio *O casamento ou a casada queixosa*, de 1523, que sublinha a responsabilidade da esposa na preservação do matrimónio, mediante a sua arte de conviver com o marido (ASD, 1972, 301). Ora ele nunca tomara mulher, porque desde cedo se “casara com as letras”; e por isso se ri do boato ridículo posto a correr no verão de 1531 sobre o “seu casamento” (IX, ep. 2508, 2534).

Deixar o mosteiro, nas condições de que diz esse amigo usufruir, era optar por um lugar agreste para todo o cristão que aspirasse a ocupar-se centralmente da *filosofia de Cristo*. Esse frade amigo incluir-se-ia certamente na categoria dos verdadeiros monges a que alude na carta já referida de 1527 (VII, ep. 1805, mar. 1527), exemplos que não bastavam para valorizar o concreto modo de vida praticado em regra nos conventos da época, pelo menos olhando ao que Erasmo não se fartou de escrever e ao que era a voz geral. Porque os conventos, a ter em conta aquilo que palpavelmente se podia ver pelos frades na vida corrente, não eram exemplos desse convívio recolhido com os livros e os homens sábios, reduzidos, no fundo, que estavam ao cumprimento das regras, tal como os cristãos da cidade nada mais valorizavam do que o cumprimento das cerimónias e a obediência às normas instituídas pelos séculos posteriores a esses tempos primitivos – mas heróicos – do Cristianismo. Mas como é que um jovem monge de vinte anos, que numa carta, talvez de 1488, se insurgia contra a “calma” e a “indolência” desse mesmo Servais Rogério incapaz de se afoitar ao promissor estudo das letras, evocava o exemplo dos “homens mais ilustres de outrora que não hesitaram, para adquirir as letras, em trocar a sua doce pátria por um exílio

triste, em visitar terras estrangeiras queimadas pelo sol, em suportar os inúmeros perigos do mar tempestuoso, enfim em suportar todo o género de sofrimentos e de despesas” (I, ep. 15), poderia aceitar ficar confinado às paredes de um convento, quando a sua grande paixão eram o estudo, os livros, as bibliotecas? Isto no tempo em que a sua própria pátria, a Holanda, vivia à margem dessa modernidade do saber, faltando-lhe os livros e aquele “ligeiro sopro de melhor literatura” que Rudolfo Agrícola – que recorda ainda ter visto aos doze anos – trouxera de Itália, conforme escreveria em 1523 no *Catálogo* (I, p. 2)?

A *curiosidade* é, aristotelicamente, a força que o impulsiona desde muito cedo. Nesses anos era pobre; di-lo e era de certeza verdade; por isso, no meio de proclamações de modéstia, o dinheiro haveria de ser uma preocupação constante ao longo da vida: “Sem dinheiro, impossível viver”, como escreveria muitos anos depois (VI, ep. 1585, jul. 1525)...

Assim a *cidade* aparecia-lhe como o *lugar* mais adequado a esse projecto de vida, que, todavia, nunca perderá o seu elemento essencial: a centralidade da *piedade cristã*. Com a anotação importante de que viver na cidade não significava propriamente viver no século. Mas, se o mosteiro real e a cidade real ostentavam vícios comuns, o mosteiro ideal e a cidade ideal detinham os ingredientes fundamentais para utopicamente se confundirem. Nesta perspectiva se percebem melhor os aspectos concretos das cidades onde Erasmo viveu.

Até 1514 desloca-se pela Europa, seguindo aquele eixo norte-sul que correspondia não só ao tráfego mas intenso do comércio continental, mas também das movimentações da cultura e da política e, portanto, dos humanistas. Paris, Londres, Lovaina, Bruxelas, Veneza, Pádua, Roma, Ferrara são cidades que fazem parte desse percurso. Depois de 1514 serão sobretudo as cidades da Alemanha e dos Países-Baixos, onde permanecerá em períodos de variada duração; em 1527 instala-se definitivamente em Lovaina. Aí fará a sua residência habitual até finais de 1521, quando se passa para Basileia, que deixará em meados de 1529 para procurar refúgio em Friburgo, onde ficará até ao fim, embora tenha falecido em Basileia, em casa dos Froben.

Como se vê, Erasmo conheceu inúmeras cidades; além de trabalhador incansável, foi um viajante incansável (MARGOLIN, 1993). Em muitíssimas cartas se lamenta dos incómodos físicos e dos perigos que muitas vezes as deslocações significavam, sobretudo com os rigores do inverno, os perigos dos saltadores e as más condições das estalagens, sobretudo na Alemanha, mas é evidente que a atracção da viagem era bem maior nele. Por exemplo, numa carta do último dia de 1520 diz estar a pensar passar o verão em Basileia ou talvez ir de novo a Itália (projecto que acalentou durante muito tempo, tendo mesmo iniciado a viagem, embora a não pudesse continuar) (IV, ep. 1176, dez. 1520);

ainda mal estava instalado em Friburgo no verão de 1529 e já escrevia a um amigo que decidira passar ali o inverno e no “tempo da andorinha ir para onde Deus me chamar” (VIII, ep. 2222, out. 1529). No ano seguinte, descrevendo de forma realista – procedimento expositivo a que recorre sempre para o tema da sua saúde – a doença que tanto o incomoda (vômitos, insónias, cólicas, um inchaço do lado direito da barriga, “como uma serpente cuja cabeça se tivesse fixado no umbigo, o meio do corpo enrolado em anéis e a cauda em direcção ao púbis, tendo depois virado para a esquerda), denuncia a mesma inquietação, escrevendo que desde há bastante tempo que morro por partir daqui e ir para outro lugar”; e, no entanto, estava na cidade apenas há um ano (VIII, ep. 2355, jul. 1530)... Três anos depois, diz a Erasmo Schets, seu agente financeiro, “Já investi mais de 800 florins em ouro na casa onde estou, apesar de que penso pôr-me a voar daqui” (X, ep. 2761, fev. 1533).

As cartas, sobretudo as deste período, denunciam uma inquietação, às vezes mesmo uma ansiedade, que ele identificaria certamente mais como manifestação da sua independência de espírito e de pensamento, ou antes do receio de perder a “sua” liberdade que tanto prezava, a qual, se lhe faltasse, “seria como perder a vida” (II, ep. 333, mai. 1515). Em 1534, confessa que em Friburgo tem casa própria, cómoda e espaçosa, que não comprara muito caro (IX, ep. 2534, set. 1531), mas “muitas coisas incitam-me a ir embora, se tal me fosse possível” (XI, ep. 2961, ago. 1534). São anos difíceis, de dura resistência aos incómodos fisiológicos e às pressões de natureza moral e religiosa; numa carta de um ano antes da morte, a propósito da notícia de que o papa Leão III lhe iria oferecer o chapéu cardinalício, diz que já não está em idade para tais cargos e acrescenta: “o boi que eu sou não aceitará o jugo” (XI, ep. 3049, ago. 1535), imagem que usa mais do que uma vez (ex. VII, ep. 1804, mar. 1527, a Tomás More).

Esta afirmação de independência, que procura manter incólume sobretudo durante a polémica luterana, correspondia, sem dúvida, a um dos traços mais vinculados da sua personalidade; tinha paralelo na afirmação de uma frugalidade pessoal, tanto no respeitante ao modo de se vestir – por exemplo, numa carta de 1520 de agradecimento da oferta de um barrete, com outros presentes entre os quais dois relógios, diz que só o pode usar em casa, “porque é demasiado magnífico para um homem de poucas posses” (IV, ep. 1137) –, como quanto à opulência de certos banquetes que lhe desagradam pelo tempo que duram, como se pode ler por exemplo na carta a Juan Maldonado de março de 1527 (VII, ep. 1805). Esse pendor para a frugalidade e o comedimento identificava-o ele com o ideal de comportamento cristão, a que, decorrente do muito apreço pela literatura moral clássica, misturava as componentes do ideal estóico. Por isso Erasmo não podia viver em regime de regra conventual; em boa verdade

poderíamos dizer que, nessa dimensão, a melhor maneira de o definir é caracterizá-lo como *homem político*, como *homem da cidade*. Tudo menos um praticante da *anacorese* por muito que louvasse o primitivo monaquismo.

No princípio de julho de 1527 instala-se em Lovaina; num fragmento de carta desse mês, com a habitual sensação de que qualquer solução é provisória, escreve que acaba de transferir “o meu domicílio para Lovaina, até me dar conta de qual o lugar mais favorável para aí instalar a minha velhice” (III, ep. 596). No entanto, pela mesma altura, em carta dirigida a João Oecolampádio, considera que é nessa cidade que vai fixar residência, pondo de lado o destino que “me chama ora para aqui ora para acolá”, porque é ali que se encontra sua biblioteca (III, ep. 605). Anote-se a justificação: não opta por se fixar em Lovaina por qualquer circunstância da cidade, mas porque aí tem os seus livros; mas também porque, embora alguns obscuros Carmelitas conspirassem contra ele, os teólogos o receberam bem (III, ep. 627); mais, porque aí também podia polemizar com adversários, coisa que sempre apreciou. Mostra-se, porém, satisfeito pelo facto de a peste não ter atingido significativamente a cidade, em cartas de outubro de 1518.

Este é um ponto central em todas as apreciações que Erasmo faz dos locais onde habita: a questão do clima, ou antes a questão da maneira como a sua saúde reage ao clima local. Na verdade, os dois factores aparecem relacionados: a saúde, ou a doença, e o clima. Podemos desde já fixar que o prisma por que Erasmo vê a cidade é precisamente este: a *sua* saúde, a *sua* pessoa; o *seu* trabalho. É muito curioso um bilhete de 1521, escrito de Anderlecht, onde, chegado de Roma, repousa de maio a outubro, a Carlos Harst, seu companheiro de vários anos e a quem incita a continuar os estudos “para poder um dia desmascarar esses vociferadores que gritam tão estupidamente contra as belas letras: agradecendo-lhe ter renunciado a fazer-lhe uma visita para não prejudicar os meus trabalhos” (ele, Erasmo, que não tinha vagar para estar doente), confessa que lhe faz bem o descanso no campo, fora da cidade, pois que já começava a sentir-se mal – a ficar doente, com necessidade de consultar os médicos – com o mau cheiro das cidades (IV, ep. 1215, jun. 1521). É esta a pedra de toque para a sua apreciação das virtudes ou dos defeitos dos locais onde reside.

Vive em Lovaina cerca de dois anos e meio, mas nada nos diz sobre a cidade do ponto de vista urbano ou arquitectónico; limita-se a expressar o seu apreço pelo edifício do Colégio Trilingue, dizendo que “é honesto e de uma arquitectura que não deixa de ter elegância” (V, ep. 1221, jul. 1521). Mas os aspectos físicos desta e das outras cidades não fixam a sua atenção, a não ser quando e na medida em que se sente fisicamente afectado pelo seu ambiente. Veja-se o que escreve em carta escrita em Anderlecht, mas terminada em Bruges, nesse

mesmo verão de 1521, dirigida a Conrado Glocénio: “eu apreciava a vida no campo” (lembrava-se certamente dos tempos de Inglaterra, embora se irritasse com as caçadas, porque impediam a conversação entre as pessoas...) “que os Antigos cantavam com tanta força”. Mas Erasmo era tudo menos bucólico: a referência aos Antigos é claramente retórica, porque a razão concreta por que havia saído da cidade estava precisamente no estado da sua saúde: já se tinha entregado aos cuidados dos médicos, que lhe receitavam clisteres, pós variados, unguentos banhos, emplastos; ora como podia suportar tudo isso, se “não tinha tempo para estar doente”, constantemente solicitado como era por assuntos que nasciam de todos os lados (IV, ep. 1223, ago. 1521?)

Em setembro de 1520, escrevendo de Lovaina a seu amigo Willibald Pirckheim sobre os ataques de Eduardo Lee e a hostilidade que os meios luteranos ferozmente lhe moviam, Erasmo desabafa, mesmo no final da carta: “Muitas vezes tenho vontade de fugir para longe; mas receio bem que os dissabores me persigam para onde quer que vá, pelo que devo procurar o remédio em mim mesmo, mais do que num lugar ou num modo de vida qualquer. É uma felicidade que, no meio do nevoeiro maléfico, Cristo nos tenha deixado as centelhas da doutrina evangélica” (IV, ep. 1139, set. 1520). Em novembro de 1521 está a viver em Basileia, onde ficará até 1529.

Esta cidade oferecia-lhe uma enorme vantagem: permite estar junto da tipografia de João Froben e, portanto, acompanhar de perto os trabalhos de impressão dos textos. Basta evocar a carta escrita de Londres em maio de 1515, quando ia regressar ao continente, onde evoca, com não disfarçado prazer, a azáfama que ia na oficina frobeniana com a impressão dos dez volumes de S. Jerónimo (II, ep. 334). Isto era importante para um erudito como Erasmo, tão preocupado com a crítica textual e a preparação de edições fiáveis, tanto mais que era habitual proceder-se à revisão e correção durante o processo de impressão, o que, como observava em carta, encarecia muito o livro (III, ep. 602, jul. 1517).

Está em Basileia em novembro, mas queixa-se da saúde, assunto que nesta época e até final da vida será frequente na correspondência; pior, não suporta os vinhos da região. Erasmo relacionava a cada passo os problemas de saúde com a qualidade e o tipo de vinho, de acordo, aliás, com a filosofia médica aprendida nos antigos. A isso atribui o aparecimento de cálculos que lhe provocam enormes sofrimentos; compara-se então a Tântalo, preso entre o impulso vital para o estudo e os incómodos corporais (a gota, as dores de dentes, as cólicas) que lhos dificultam, mas não se encaminha para os terrenos mais ascéticos a que as dores do corpo levaram outros. A verdade é que certa inquietação, que já se observava antes naquela sua necessidade – de estudo, mas também psicológica – de mudar

de lugar com frequência, se intensifica por estes tempos. A questão da saúde é cada vez mais realçada, sobretudo no que diz respeito à Alemanha: eram-lhe insuportáveis os fogões das casas usados no aquecimento, por causa do cheiro.

Ainda não havia passado um ano em Basileia e já pensa em aproveitar um convite para ir de novo a Itália. Estava certamente lembrado do clima do sul, embora seja de recordar que numa carta escrita a Aldo Manúcio, com certeza de Bolonha em novembro de 1507, dizia: “Temo agora um clima que desconheço e que, de momento, me é contrário, tanto mais que desde alguns dias a esta parte o clima de Bolonha afectou bastante a minha saúde, que é de resto delicada” (I, ep. 209, nov. 1507?). Por lá andara entre 1506 e o verão de 1509, quando volta a Inglaterra; demorara-se em várias cidades, mas da paisagem ou daquilo que viu nada refere, a não ser, com sentidas saudades, em relação a Roma; numa corajosa, porque fazia a defesa de Reuchlin, carta de maio de 1515 ao cardeal Riario – que, em 1509, quando Erasmo se estava em Roma, o encarregou de escrever um texto a desaconselhar a guerra contra Veneza – falava do tormento que eram as saudades da cidade de Roma, lembrando-se “daquela liberdade, daquela perspectiva, daquela luz, daquelas avenidas, daquelas bibliotecas, daquelas agradáveis conversas entre eruditos, de quantas pessoas interessadas nos mesmos assuntos que ele havia abandonado deixando Roma” (II, ep. 333); e nesse mesmo mês, escrevendo ao cardeal Grimaldi, insiste nesse *desejo de Roma* cada vez que se lembra das vantagens de que gozara na cidade, evocando “a luminosidade e a localização da cidade mas célebre de todas, a doce liberdade, tantas bibliotecas riquíssimas, o convívio, delicioso entre todos, com tantos homens superiormente eruditos, tantas conversas eruditas, tantos testemunhos da antiguidade” (II, ep. 334). Por essa época alimenta o projecto de regressar à cidade e aí viver o resto dos anos, “rodeado de homens muito eruditos e de bibliotecas extremamente ricas” (IV, ep. 1236 set. 1521). Tudo isso deixara quando regressara anos antes a Inglaterra, atraído por recompensas sedutoras; agora o projecto de voltar à Itália assalta-o outra vez, embora não consiga concretizá-lo. No entanto, repare-se que, mais do que os aspectos da paisagem urbana – de mais cidade alguma se reporta à luz ou às avenidas – o que lhe interessa é apreciar o nível de cultivo das *boas letras*; de Londres dizia em 1505: “Na verdade, há em Londres cinco ou seis homens perfeitamente instruídos nas duas línguas, tais que mesmo em Itália não os há parecidos” (I, ep. 187). Idêntico juízo quanto a Veneza, lembrado dos amigos que aí conhecera (II, ep. 512, jan. 1517), e a Ferrara, cidade onde lhe fora possível usufruir do conhecimento de homens de letras e de religião como Celio Calcagnini, que viu pela primeira vez em casa de Ricardo Pole, onde o ouviu encantado, a ponto de confessar que “me pareceu ter perdido completamente a língua” (VI, ep. 1578, mai. 1525).

Não nos iludamos porém: ambas as missivas, dirigidas aos dois cardeais, são percorridas por uma intenção de sedução retórica a que não é alheia a sua ideia de voltar a Itália, como tentará fazer no verão de 1522. Por isso vale a pena anotar um pequeno pormenor em carta de 1527, no tempo da agressiva polémica anti-erasmiana gerada pela publicação do *Ciceroniano*; ridicularizando a exclusiva dependência de Cícero, evoca, fugidamente é certo, o movimento dos mercados urbanos, que emprega metaforicamente: “para além do mercado, via-se um movimento pagão em plena efervescência: são as gentes que só adoram o Ciceronianismo” (VII, ep. 1875, set. 1527); via nisto um sinal da tendência pagã do humanismo italiano (VII, ep. 1948, fev. 1528), em contraste com o ambiente mais humanista e cristão que observara em Inglaterra dez anos antes (III, ep. 821, abr. 1518). Mas nada diz sobre as igrejas romanas, sobre as ruínas da Antiguidade (só fugaz alusão em 1515) ou sobre as pinturas no interior dos templos; nem vale a pena evocar as fortalezas, porque as odiava: “tenho horror às fortalezas...” (VIII, ep. 2222, out. 1529).

Há, porém, uma carta muito interessante sobre um acontecimento ocorrido em Basileia que fornece, colateralmente, alguns dados sobre o ambiente urbano da cidade. Trata-se da carta escrita em 26 de setembro de 1526 a Nicolau Varius, segundo director do Colégio Trilingue de Lovaina; é uma missiva cheia de ironia. Nela Erasmo faz a descrição humorística de um acontecimento trágico ocorrido na cidade: a explosão de barris de pólvora arrecadados na torre do poiol. Ora perto existia um jardim que Froben havia comprado a conselho de Erasmo e onde este costumava passar algumas horas depois do almoço, lutando contra a sonolência que o assaltava ou aliviando o enfado dos seus longos trabalhos. Após ter caminhado algum tanto, subiu para um pavilhão rústico e pôs-se a traduzir “alguns passos do meu Crisóstomo, quando um clarão começou a ver-se pelos vidros das janelas”; julgou tratar-se de uma ilusão visual – é de anotar este espírito analítico e crítico de Erasmo que o levava a desconfiar de milagres e prodígios –, mas, espreitando, notou que de um dos lados se formava uma nuvem, ao mesmo tempo que rebentava um barulho ensurdecedor, coisa que sempre o incomodava profundamente. Lembra-se então – e a ironia começa aqui – de um bombardeamento a que assistira em Florença, na época em que o papa Júlio, “esse Júpiter terrestre troava e fulminava contra Bolonha” [1506]; certo dia, quando se “tinha retirado para aliviar os intestinos”, deu-se um rebentamento enorme que provocou mortes e feridos, como agora, em Basileia. Tinha acontecido que a fâsca havia atingido a torre onde estavam os barris de pólvora para canhão, não no andar superior, mas no de baixo, pelo que a explosão atirou a torre pelos ares, matando e ferindo pessoas. Ora os regulamentos da cidade mandavam que, em caso de incêndio, todos os homens

de armas acoressem armados às portas da cidade e às muralhas, mostrando-se tanto mais violentos quanto o perigo era menor. Nesses momentos era perigoso alguém atravessar-se na sua frente; podemos então imaginar Erasmo regressar apressado a casa através de uma multidão louca em armas. A partir desta referência ao barulho, que tanto desgostava Erasmo, a carta deriva depois, com evocações mais ou menos eruditas, para as modas musicais da época, entre o povo mas também nos ambientes principescos, caracterizadas sempre por ritmos barulhentos (VI, ep. 1756, set. 1526). É uma cena rara esta que nos mostra Erasmo em pessoa no concreto da cidade, alvoroçado por uma situação anormal, ele que tanto detestava a confusão e apreciava o sossego de sua casa. Dois apontamentos vale a pena fazer em relação ao episódio narrado nesta carta. Em primeiro lugar haveremos de notar que o relato deste caso se inscreve na liberdade concedida pelo tipo de carta familiar: não querendo falar das numerosas surpresas que todos os dias chegam, em alusão irónica à Alemanha onde ocorriam as coisas mais espantosas (em termos de agitação religiosa e teológica), opta por contar a última novidade. Portanto, não foi propriamente o evento caracteristicamente urbano que suscitou em si mesmo a tarefa narrativa, mas a elaboração de um discurso em que dá mostras da sua arte na descrição realista, aliás na linha de outros relatos, mais frequentes nas cartas, mas também ocorrendo em algumas obras, como sejam os casos de cenas de encontros com outras pessoas, narrativas de acontecimentos mais ou menos pitorescos, como o relato, no registo de paródia épica que a carta familiar facilitava, da “autêntica batalha de uma mãe de família contra a sua criada”, numa carta de época da sua primeira estadia em Paris (I, ep. 55, 1497?). Tratava-se de Antónia, em casa de quem estava hospedado. Mas é, como outros exemplos, uma anedota de um acontecimento de interior, não de ambiente urbano. Bem se poderia falar de um certo horacianismo erasmiano, até porque Horácio é um autor que, com alguma frequência, é trazido à baila nesses situações textuais. E, no entanto, passo algum do humanista quinhentista evoca a situação do poeta romano na abertura do *Sermo* I.IX: “Ibam forte via Sacra, sicut meus est mos, / nescio quid meditans”, que aliás citara em carta de muitos anos antes, quando faz a Jaime Batt o relato das aventuras da viagem de regresso a Paris vindo de Inglaterra (a alfândega só o deixou sair com duas libras, ficando-lhe com o resto do dinheiro), a propósito de um episódio sucedido à chegada a Clermont (I, ep. 119, fev. 1500?). Podemos imaginar Erasmo em casa, numa igreja ouvindo um pregador, esporadicamente no jardim de Basileia, mas nunca nesse andar pensativo pela rua de uma cidade. Uma outra observação, porém, se impõe fazer a esta cena no jardim de Basileia; é que o jardim aparece como uma espécie de claustro urbano, onde Erasmo pode usufruir de algum tempo fora do lugar onde passa

as horas dedicadas às tarefas diárias de uma rotina de trabalho que não deixa de parecer monástica. É exactamente a mesma situação que evoca num bilhete de maio de 1529, escrito agora de Friburgo, onde também lhe é concedido gozar de um jardim “para que de vez em quando vá aí repousar o meu corpo e a minha alma cansados dos trabalhos e das preocupações” (VIII, ep. 2156), prazer que o professor de Teologia João de Brisgóia lhe proporcionava e que agradece. Mas sublinhe-se: o retiro tem um contexto citadino, não é inspirado pelo campo, e modela-se no modo de vida monástico.

É também neste período da sua residência em Basileia que mais insiste na incomodidade das casas da região da Alemanha, incluindo as estalagens que, a par da insegurança das estradas, tornavam as viagens muito perigosas. O que de pior existia eram os fogões alemães, ou melhor o seu uso colectivo em ambiente fechado, por causa do fumo e sobretudo do cheiro que exalavam; por isso vive só, escreve ao deão João Marco Laurino (V, ep. 1342, fev. 1523). Por isso também lhe agrada viver na casa de Basileia, porque aí dispõe de uma grande chaminé que, apesar da grande despesa e cuidados que acarreta, lhe evita o fumo que “não suporta sequer durante uma refeição” (V, ep. 1422, fev. 1524). Talvez esta fosse a casa que mais se aproximaria do ideal de habitação a que alude na *Christiani matrimonii Institutio*, em trecho inserido numa muito sugestiva antologia de textos erasmianos (MARGOLIN, 2010: 320).

Viver na cidade, numa grande cidade, tinha esses inconvenientes; mas oferecia mais vantagens para uma figura como Erasmo. A cidade colocava-o em contacto com pessoas, permitia o acesso aos correios, atraía visitas, oferecia bens e oportunidades, sobretudo punha-o em contacto com a actualidade literária, editorial, política e religiosa. O campo não; o campo podia proporcionar algum relaxamento, como reconhecia em meados de 1515 (IV, ep. 1215), mas era a negação da actividade por vezes febril do seu trabalho intelectual. Note-se que Erasmo era uma dos homens mais bem informados do seu tempo, através da rede de amigos, admiradores e conhecidos que tinha em toda a Europa.

Até meados de abril de 1529 estará em Basileia; com o passar do tempo o movimento luterano intensifica-se e ele começa a dar sinais de incomodidade; num bilhete de dezembro de 1522 escreve: “Se o inverno nevoento não me retivesse aqui, ir-me-ia para qualquer lugar, para não ser obrigado a ouvir asneiras” como aquelas que alguns panfletários luteranos lançavam contra ele (V, ep. 1327, dez. 1522). Repare-se que é o tempo ou o clima que o condicionam; ou então os vinhos. É que Erasmo só se sentia bem com os vinhos de Borgonha, tendo horror aos vinhos mais ácidos da Alemanha; o problema do fornecimento de vinho que não lhe fizesse mal transforma-se também em assunto corrente nas cartas desta época e revela como no centro dos seus cuidados está a sua saúde.

Sendo um homem que aprecia deslocar-se, embora mantendo uma casa onde se sinta bem e disponha dos seus livros (mais tarde há-de usar o termo “ninho” para a designar), pensa sempre em destinos que são cidades; os inconvenientes são sempre os mesmos: o clima e os vinhos, ou sejam as condições da sua saúde. Por exemplo, em outubro desse mesmo ano, depois de ter sido principescamente recebido em Constança, escreve que não lhe desagradaria ir a Friburgo antes do inverno, “mas os fogões e os vinhos dissuadem-me de tal” (V, ep. 1316, out. 1522).

Ora, tendo saído de Basileia ao meio-dia de 13 de abril de 1529, acompanhado só de Bonifácio Amerbach (e de algum pessoal da sua casa, com duas carroças carregadas de cofres e de camas – VIII, ep. 2158, mai. 1529), vai instalar-se precisamente nesta cidade para fugir à agitação que percorrerá Basileia nos últimos tempos e em especial na noite anterior. Custou-lhe sem dúvida deixar a cidade, onde dispunha da comodidade de estar próximo da oficina de Froben (cfr. VIII, ep. 2214, set. 1529) e, naturalmente, de amigos. Mesmo os adversários tentaram retê-lo, mas apesar de reconhecer o muito que devia à hospitalidade de Basileia – “Terei sempre amizade por Basileia” (VIII, ep. 2151, abr. 1529) – a decisão tomada estava tomada; até os móveis já tinham ido para Friburgo...

Muda-se para aqui na esperança de que a cidade fizesse justiça ao significado do seu nome: «cidade da liberdade» (VIII, ep. 2192, jul. 1529, a António Fugger). Dez dias depois escreve a Amerbach que esta cidade “me agrada pelos bons costumes: não ouço ninguém dizer mal de alguém” (VIII, ep. 2151). Primeira impressão; mas três semanas depois de aí estar instalado, em carta a Willibald Pirckheimer, evoca a resposta que dera a Oecolampádio na altura da partida: “Ficarei alguns meses em Friburgo, e partirei para ir para onde Deus me chamar” (VIII, ep. 2158). “De basileiense tornei-me friburgense. Custava-me bem / muito deixar o ninho a que me tinha acostumado durante tantos anos; mas tudo se passou melhor do que esperava, sobretudo no que diz respeito à minha saúde”, escrevia ao jovem alemão Daniel Stibarus, em 14 de maio do ano da mudança (VIII, ep. 2161). Ora na carta que envia dois meses depois a Johann Choler termina desta maneira espantosa: “Sempre me deixei encantar pelos grandes edifícios e as grandes cidades; e apesar de raras vezes pôr o pé fora do meu quarto, sinto prazer em viver nas cidades muito populosas. Trata-se de um sentimento instintivo, que não deixa de ter algum razão. Nessas cidades há menos traços visíveis do campo e as coisas boas estão aí mais disponíveis e em maior abundância. Enfim, é mais fácil encontrar amigos honestos numa grande multidão de homens do que num pequeno número” (VIII, ep. 2195, jul. 1529).

E, no entanto, não chega a escrever o *encómio* de qualquer das cidades onde

viveu, Lovaina, Basileia ou Friburgo. Por exemplo, apesar do ambiente cultural e universitário que encontrou na primeira, não a elogia nos termos encomiásticos de André de Resende no poema de 1530 que escreveu sobre ela, louvando-a como cidade onde a mocidade podia aprender as “boas letras” essenciais na guerra contra a “barbárie”. O tema era tipicamente erasmiano, como se viu; mas a verdade é que o único *encômio de cidade* que escreveu diz respeito a Schlettstadt, um poema em trinta e oito versos elegíacos (REEDIJK, 1956: 316) feito entre 1514 e 1515, onde a estratégia retórica é, naturalmente, diferente da permitida pela epistolografia *familiar*; Erasmo concentra-se no panegírico da fertilidade da terra, dos vinhedos nos montes, do Reno abundante, que corre suave aos ouvidos, dos homens ilustres da cidade, como Beato Renano, ou seja nos aspectos positivos próprios do género laudatório. Nada de negativo: a verdade é que nunca viveu nessa cidade do Reno...

A ida para Friburgo sucedeu após um longo período de hesitação; segundo escrevia ainda em fevereiro, a cidade ficava demasiado próxima de Basileia e das animosidades contra ele movidas, era bastante exígua e as suas gentes, ao que lhe diziam, bastantes supersticiosas (VIII, ep. 2107, fev. 1529, a Bernardo de Bes); por isso preferiria ir para Itália (VIII, ep. 2159). O certo é que, uma vez instalado no novo local, confessa que se sente bem, como há muitos anos não lhe acontecia (VIII, ep. 2193, jul. 1529), dizia ao mesmo Schets.

Mas parece ter sido sol de pouca dura; a instabilidade ou a insatisfação latentes em Erasmo levam-no a falar de outra maneira algum tempo depois. É que Erasmo sofre cada vez mais com os cálculos biliares e outras indisposições abdominais; atribui a causa principal aos vinhos da região, demasiado ácidos; em junho de 1530 escrevia a António Fugger que não conseguiria viver sem um vinho mais seco como o da Borgonha, cujos efeitos pelo corpo, em sintonia com o preceituado médico já antigo, ele entendia benéficos (VIII, ep. 2330, jun. 1530). Para além disso havia dois meses que estava doente, certamente por causa de uns ventos malsãos que sopravam na região, a que atribuía os vômitos e os desarranjos de estômago de que sofria duramente. Talvez importe anotar que, nestes momentos, Erasmo segue uma retórica da narração do detalhe concreto e realista, com certeza fundado nas leituras de autores médicos antigos, como Galeno, de quem traduz do grego alguns textos inseridos no vol. I da *editio princeps* desse autor, saída em Veneza em 1525.

Não percamos de vista, porém, que a carta converge com o género didáctico em alguns objectivos e procedimentos do discurso; as cartas de Erasmo, como dos outros humanistas, destinavam-se a uma publicidade que começava muitas vezes antes de chegarem ao seu destino, desviadas ou roubadas que eram com frequência; uma vez entregues, podiam ser lidas pelo próprio ou alguém por

ele, perante um grupo. Por isso o investimento nos detalhes realistas dos sofrimentos físicos que Erasmo descrevia não escapava a essa circunstância; assim se compreende que algumas incluíam anotações para que toda ou parte da carta fosse lida fora da presença de outras pessoas; ou então, para dificultar a sua leitura, algumas podiam ser escritas em grego, com se exemplifica na correspondência trocada com Budé.

É nestas circunstâncias que, na carta citada a António Fugger, desabafa: “Sonho em partir daqui, mas não vejo para onde”; dada a situação religiosa e política, já nem em Itália se sentiria seguro; e de novo vem à superfície esse desejo misturado de inquietação: no fundo, preferiria viver numa cidade importante e populosa. Friburgo não era nada disso; mais, era uma cidade mal abastecida, com falta de produtos, tema recorrente em diversas cartas deste período: “é terra que convém mais às Musas do que a Mercúrio.”

O clima – *esta cidade é glacial*, escrevia em abril de 1533 (X, ep. 2792) – e o ambiente social haviam desassossegado de novo Erasmo; no mês seguinte escrevia a Johann Rinck: “Desde há algum tempo estou ansioso por partir daqui para ir para outro lugar”. A cidade é pouco populosa, embora seja brilhante, porque não tem rio por perto; é mais adequada aos estudos [Erasmo louva a Universidade]; tudo é incrivelmente caro e as pessoas são pouco hospitaleiras, segundo se diz, apesar de até agora ninguém me ter aborrecido” (VIII, ep. 2355, jul. 1530).

Mas a anotação linhas atrás citada sobre Friburgo como localidade mais conveniente “para as Musas do que para Mercúrio” deixa-nos entrever por que razão Erasmo mais de uma vez confessa aspirar a viver numa cidade grande e populosa; quem lhe dera, escrevia em setembro de 1531 a Johann Rink, acabar a vida “numa cidade célebre e populosa, fornecida quer de uma ampla coleção de amigos quer de uma abundância mais generosa de produtos” do que aquela que via em Friburgo (IX, ep. 2534). Mas não só: a cidade está mais afastada do Reno, portanto menos conhecida porque mais longe dessa via de comunicação e tinha menos população do que Basileia; a consequência mais imediata traduzia-se na rarefação da correspondência que lhe chegava dos amigos (VIII, ep. 2290, mar. 1530). Veja-se como não exprime o desejo de usufruir de uma vida mundana, que recusa claramente, mas de dispor das comodidades de um ambiente urbano movimentado, com mais possibilidades de encontrar homens sábios, de receber notícias dessa Europa que era o seu mundo, de contactar com o movimento editorial, com a facilidade de manter relações de correspondência com um leque alargado de pessoas; não por causa do negócio, se bem que a defesa dos seus interesses financeiros através sobretudo de Schets também fosse mais fácil a partir de uma cidade. Dir-se-ia que olhava para a cidade a partir da janela do

seu quarto, onde cada vez mais a doença o mantinha retido.

Numa carta ao mesmo Schets de março de 1532, quando a saúde não melhora e o obriga a tomar cada vez mais resguardos contra os ambientes exteriores, escreve que não pode aceitar os insistentes pedidos da rainha Maria, viúva de Luís da Hungria, para que regressasse ao Brabante (teria ela força para o defender da fúria dos frades?), porque o seu pobre corpo – aos cinquenta anos começa a ser tópico obsessivo nas cartas, com metáforas do tipo “o meu pobre envelope corporal”, (V, ep. 1267, mar. 1522); “a minha miserável carcaça” (V, ep. 1408, jan. 1424) – não suportaria esse clima frio e ventoso. Em Friburgo, porém, a custo procura preservar a sua vida escondendo-se no seu quarto (IX, ep. 2620). A cidade vai-se revelando cada vez menos aceitável; em janeiro de 1534, escrevendo a Gaspar Schets, filho mais velho de Erasmo e como o pai também agente financeiro em Antuérpia, queixa-se da falta de limpeza das mulheres de Friburgo. Isto por causa de uma criada que lhe teria arruinado a casa se não tivesse acordado a tempo para os roubos da rapariga (nomeadamente, esvaziava-lhe os barris de vinho...); por isso, resolveu reconciliar-se com a velha criada de pelo menos 1523 e de quem só se livrará em 1535, quando for outra vez para Basileia (X, ep. 2897, jan. 1534). E no final da carta tem um passo que é também um único: “Reina aqui [em Friburgo] uma enorme porcaria. Ao longo de todas as ruas desta cidade desce um riacho artificial, que recolhe a porcaria vinda dos açougues e do mercado, os lixos de todas as cozinhas, as imundícies e as urinas das casas particulares e até os excrementos dos que não têm latrinas em casa. É com esta água que se lava a roupa branca, com que se limpam os jarros / cântaros do vinho e até os utensílios de cozinha. Mas tudo isso se poderia suportar se houvesse alguma coisa para comer. Durante todo o ano como galinha; aqui não há comidas refinadas [certamente como as que evocava na já longínqua carta a Marco Laurino] ou, se há, ficam para os abastados.”

Não há passo como este na correspondência não só por causa do realismo objectivo (predomina a função informativa, sem elaboração retórica), mas também porque ele evidencia de forma clara que o registo discursivo da realidade urbana observada não decorre propriamente de uma estratégia de observação praticada em relação a outros locais, mas dos directos efeitos sobre a sua pessoa. A realidade das ruas de Friburgo não lhe era desconhecida, porque era esse o ambiente da higiene de qualquer cidade europeia de então; e Erasmo conheceu várias. A acrimónia que se pressente nestas palavras tem a ver com a impossibilidade de usufruir de mimos a que julgava ter direito e que o “seu pobre corpo” e a sua saúde exigiam. Juntando a isto o relativo isolamento de uma cidade algo afastada das vias de comunicação mais intensas, percebemos porque é que se lembrava do Brabante, apesar desse seu clima tão agreste. É o

tempo em que evoca por vezes a Holanda, sua terra natal, temendo, porém, regressar a ela: “Há dez dias que uma tortura abominável invadiu a parte direita da cabeça e do pescoço, o ombro e o braço, parecendo querer instalar-se de vez; se fosse só quatro dias de viagem para chegar a Brabante, trataria de me fazer transportar, ainda que fosse de liteira, de tal forma estou cheio desta terra” (X, ep. 2924, abr. 1534).

É sabido que um ano e meio depois, em maio de 1535, Erasmo parte para Basileia, ainda que de forma provisória; eram tempos maus: Fisher, bispo de Rochester, e More são executados; as dores corporais são cada vez mais insistentes: esta “dor dos membros toma conta de mim tantas vezes que já não sei o que esperar deste miserável corpo mais frágil que um vidro” (X, ep. 2898, jan. 1534, a Nicolau Olah), numa comparação que não deixa se poder reportar à imagem paulina do “vaso quebradiço”. É nesta época que Damião de Góis o conhece e vive algum tempo em casa dele, em Friburgo. Fisicamente enfraquecido, escuda-se também na saúde para recusar o chapéu cardinalício que, constava, o papa Leão III lhe ofereceria: “O meu pobre corpo emagrecido e fraco não suporta senão o ar aquecido” (XI, ep. 3048, ago. 1535), mas não certamente o ar abafado e cheio de fumo dos fogões de que tinha pavor na Alemanha.

O lugar onde se sente melhor é a casa; as metáforas do “ninho”, do “voou” e da “andorinha na primavera” ocorrem envolvidas de certa sentimentalidade que denota a fragilidade crescente em que se encontra. Em reforço desta faceta anotadora da realidade comandada pelo critério da sua reacção física aos ambientes, vale a pena evocar as observações que havia feito às casas inglesas.

Inglaterra foi um país onde se sentira bem; em carta de 1518 escrevia que “Quase toda a Inglaterra inteira me protege”; na sua última viagem (quando regressa, em 1509, de Itália, escrevendo na viagem boa parte do *Elogio da Loucura*), diz que “o próprio rei me mandou chamar de imediato e me propôs uma situação de forma alguma desprezável” (III, ep. 756, jan. 1518); nessa altura Erasmo possuía já o grau de doutor em Teologia, que lhe dava uma segurança grande. Mas apesar desse ambiente tão favorável – em março desse ano escreve de Lovaina que tem desejo de emigrar para Inglaterra, que é, por assim dizer, “o mais profundo retiro do mundo” [ou seja, onde mais seguro se sentiria dos ataques de teólogos e frades], “e passar aí alegremente a minha velhice, dedicando-me a trabalhos mais ligeiros, mas mais agradáveis” (III, ep. 783, mar. 1518); pena era que em certas ocasiões as obrigações sociais, resultantes da dependência do mecenato, o obrigassem a situações como caçadas que não facilitavam o convívio, ou seja a conversação, entre as pessoas, que era o que lhe interessava; por isso desabafava: “Mas a Inglaterra já me aborrece, e

compreendo muito bem que a mulher de More me ache um hóspede que se demora demasiado” (II, ep. 451, ago. 1516).

Não obstante, os elogios a Inglaterra são frequentes, tanto pela qualidade dos estudos humanísticos, como pela hospitalidade e protecção que significava face às perseguições de frades e de teólogos que sentia em Lovaina (por exemplo, em carta de novembro de 1524 a Paulo Volz alude aos boatos lançados contra si, nomeadamente à morte em esfigje em Heidelberg) (V, ep. 1518). Mas, e é sempre a mesma coisa, o clima inglês é também motivo de apreciação negativa: “uma insalubridade persistente, principalmente uma humidade mortal”, decorrente da maneira como as casas estavam construídas. Não se tratava, porém, de conclusão exclusivamente tirada da observação das coisas, mas de um saber letrado, porque convoca a opinião de um filósofo sobre a matéria, que era Plutarco. Para isso seria preciso rever a má orientação das portas e janelas das casas, a falta de exposição ao ar, tudo preceitos recolhidos na leitura de Galeno. Ele que passara por “tantas universidades e cidades agitadas”, observava que havia aí muitos pântanos e ribeiros salgados por causa das salmouras; pensa que o país seria muito mais salubre se fosse eliminada a utilização dos juncos no chão, se nas casas os compartimentos tivessem dois ou três lados abertos à luz do dia, se as janelas pudessem abrir-se ou fechar-se por completo evitando-se as frinchas largas por onde passavam os ventos nocivos. Mas o mais importante seria fazer com que “as pessoas fossem mais comedidas na alimentação e sobretudo se se moderassem nas salmouras e se encarregassem oficiais públicos de limpar as ruas da porcaria e da urina” (V, ep. 1532, c. dez 1524).

Anotar-se-á o recurso ao detalhe descritivo, que ajuda a suportar a sua opinião, nesta matéria que o tocava de forma particular, que eram as questões de saúde. Na mesma carta, escrita ao médico inglês John Francis, serve-se tanto da experiência pessoal quanto do saber erudito para lamentar o arejamento deficiente, as portas e as janelas mal orientadas e os compartimentos totalmente interiores, sem vidros que evitassem os ventos nefastos – era uma ideia corrente na época de que o vento era portador de doenças – e sobretudo o chão “coberto de argila ou de juncos, que não se renovavam durante muitos anos, cobrindo-se de escarros, de vômitos, de urinas de cães e de homens, de cerveja entornada, de restos de peixe e outras muitas porcarias; de tudo isso emanava uma exalação pouco salubre, penso eu, para o corpo humano.”

No fim da carta pergunta: porquê estes detalhes? “É que eu tenho simpatia por um país que durante tanto tempo me ofereceu hospitalidade e onde eu terminaria de boa vontade o tempo que me resta de vida, se pudesse.” Ainda viveria mais doze anos... Simples nota de boa educação diante de este médico inglês? Pode ser; mas anotemos como não saímos do ponto de vista fundamental:

Erasmus regista as suas anotações sobre aspectos concretos da vida social, sobretudo citadina, não na perspectiva de um informador objectivo daquilo que observa, mas a partir da *sua* própria pessoa.

De facto, Erasmo não é um viajante que decide transmitir ao leitor informações sobre um mundo mal conhecido, cujos aspectos oferecessem alguma diferença relativamente àquilo que ele, o leitor, conhecia. Não é Fernão Mendes Pinto nem Jean de Léry. A verdade é que não podia colocar-se na posição de alguém que buscava informar alguém sobre um mundo marcado pela novidade; o cenário urbano a que se reporta era familiar aos leitores das suas cartas, eles também habitantes de cidades com características similares. Daí que os pormenores surjam movidos por aquele factor a que já se aludiu aqui mais de uma vez: o critério é o *seu* bem-estar, a *sua* saúde. Cite-se este passo de uma carta a Robert Fisher, escrita em Londres no final com certeza de 1499, ou seja, de uma das cartas juvenis: “Mas perguntarás: que prazer encontras em Inglaterra? Se algum crédito tenho junto de ti, meu caro Roberto, desejo que acredites quando digo que até ao momento nunca nada me agradou tanto. Encontrei aqui o clima mais agradável e mais salubre; uma tal humanidade, uma tal erudição, de forma alguma banal e comum, mas distinta, precisa, antiga, latina e grega, a tal ponto que se não fosse o meu desejo de ver a Itália, não teria muito de que me queixar” (I, ep. 118). O clima por um lado, o saber humanista por outro, eis o que importava a Erasmo nos locais onde se encontrasse.

Não cabe aqui abordar a questão do modo de ver a paisagem naquela época; seria impensável, por exemplo, esperar encontrar algum momento em que se revelasse *sensível* – o sentimento estético é coisa do século XVIII – à paisagem da Holanda, sua terra natal. Seria impossível estar à espera de encontrar alguma anotação tradutora de uma sensibilidade delicada sobre a luminosidade holandesa, tão valorizada na pintura, como a que Marcel Proust buscou exprimir na zona final da II parte de *A l'ombre des jeunes filles en fleurs*, através da preocupação do pintor Elstir em captar para a tela a imagem “des femmes d’une extrême élégance envoltas dans une lumière humide, hollandaise”, a lembrar algumas fotografias de Jacques Henri Lartigue no início do séc. XX. Esse mesmo “ar húmido” que tanto seduziu Ramalho Ortigão para os visualizar em esboços verbais em *A Hollanda*. É óbvio que Erasmo tinha de ser completamente alheio a coisas como estas. A sua sensibilidade era mais afinada para o que dizia respeito à musicalidade, à eufonia e ritmo da frase, o que o conduzia a apreciar de forma particular com a prática da *elegância* retórica e a odiar tudo o que fosse ruído ou desarmonia (Margolin, 1969, 85). Isso revela-se, por exemplo, nas explicações que dá sobre a maneira como traduziu os versos das tragédias *Hécuba* e *Ifigénia* de Eurípides, um poeta, diz, com uma linguagem “mais doce

que o mel” (I, ep. 188, jan. 1506?), apontando as dificuldades em verter para latim a “excessiva variedade e liberdade dos metros dos coros” (I, ep. 208, nov. 1507?) (LOURENÇO, 2008: 90).

Aquilo que, porém, o preocupava era o terrível clima da Holanda, com os seus “rigores do inverno” (IV, ep. 1141, set. 1520?); já em 1514, na dura carta enviada a Servais Rogério, escrevera: “Não vejo que faria na Holanda. Sei que não me habituaría nem ao clima, nem à alimentação; toda a gente poria os olhos em cima de mim...” (I, ep. 296, jul. 1514). É nesta perspectiva que evoca os rigores desse clima, sobretudo no inverno, não obstante alguma nostalgia da terra natal por vezes confessada (IV, ep. 1238, out.?, 1521). No entanto, aí como noutros lugares, sente repugnância pela grosseria dos costumes, pela ignorância, pelas manifestações de superstição e de bestialidade que observa não só nas gentes vulgares, mas também nos meios mais reinados. Numa longa carta a Joahnn Choler, do verão de 1535, lembra, a propósito da belicosidade dos italianos em torno da questão do ciceronianismo, o espectáculo de uma tourada a que havia assistido na Cúria no tempo de Júlio II, um quarto de século atrás, que o incomodou pela crueldade, mas também o fez rir pela pantomima gestual, como manifestação dessa mesma bestialidade (XI, ep. 3032). E é sabido o horror confessado pelos banquetes onde as pessoas comem e bebem desmesuradamente, de forma tão oposta à frugalidade que admirava e praticava (VII, ep. 2073, nov. 1528). O tom estava dado desde 1500: “Desejo ardentemente uma só coisa: adquirir um saber tão aprofundado quanto possível; o saber comum, desprezo-o de todo o meu coração” (I, ep. 139, dez. 1500?).

A casa de Erasmo fica na cidade; e Erasmo em casa é também Erasmo na cidade. No *Catálogo* que elaborou a pedido de Johann de Botzheim e que Froben imprimiu em Basileia no ano de 1523 e que é uma autobiografia bibliográfica do próprio Erasmo, não só surgem evocações de eventos ou de cenas que indiciam a sua prodigiosa memória (certamente apoiada em anotações e papéis vários), mas também um forte cuidado na fixação de uma imagem ou figura de auto-elogio, num registo narrativo retoricamente elaborado (discurso directo e indirecto, atestação por meio de dados e nomes de intervenientes), como evidenciam passos “como eu que sou o homem menos falador e o menos ambicioso do mundo” (*Catálogo*, I, p. 4, l. 27-8). Ora diversos momentos rememorados pelo autor remetem-nos para cenas de interior – não importa agora esmiuçar nem a selecção dessas cenas nem a estratégia a que obedeceu a sua escolha e convocação junto do leitor de 1523 –, evocando-nos conversas na biblioteca da sua casa, obrigando-nos a figurar o autor no seu escritório onde passa o dia, por exemplo, naquela sala grande com uma chaminé que tinha na casa de Basileia (V, ep. 1422, fev. 1524?) onde recebe quem o visita, onde lê e sobretudo onde escreve, nessa

tarefa constante e absorvente, mas também apaixonante para ele, as inúmeras cartas: em março de 1531 dizia que tinha “de escrever ao mesmo tempo mais de 60 cartas” (IX, ep. 2451). Esta era uma tarefa diária a que dava muita atenção; no fundo, era o modo mais eficaz de estar actualizado sobre as mais diversas matérias, que arrumava em *dossiers* (VII, ep. 1805, mar. 1527), o que denuncia um Erasmo metódico (II, ep. 476, out. 1516); tinha de escrever várias por dia (VI, ep. 1626, out. 1525), umas do próprio punho – escrevia depressa e por vezes de pé –, outras ditadas (às vezes num passeio), outras da responsabilidade dos secretários. Ao longo dos anos a correspondência enviada e conservada em cópias, a que havia que juntar a recebida, formara uma massa enorme; no fim da vida pensou em editar uma selecção, feita com base nas autógrafas, pensando na “sua” imagem depois da morte (XI, ep. 3100, fev. 1536), lembrado certamente de Guillaume Budé que tivera a sabedoria de não dar publicidade a cartas suas sem uma escolha criteriosa tanto dos destinatários como dos emissários (IX, ep. 2517, ago. 1531). Tomando de empréstimo as considerações de Eça de Queirós sobre as cartas de Fradique Mendes, admitamos que essa correspondência escolhida seria capaz de revelar “com mais saliência a sua «personalidade» – o conjunto de ideias, de gostos, modos, em que tangivelmente se sente e se palpa o homem...”

Assim se compreende melhor o alcance do desabafo a Luís Vives em outubro de 1527: “eu envelheço nesta sala de trabalho, ou antes, morro aqui; mas penso muitas vezes em fugir” (VII, ep. 1889).

Através de cartas como a que foi certamente escrita de Basileia em outubro de 1526 não é difícil imaginá-lo a trabalhar; falando, como sempre, da *sua* doença, diz: “há mais de vinte anos que tenho o hábito de escrever de pé e de nunca me sentar, por assim dizer, senão para almoçar e jantar, ou para fazer a sesta depois do almoço, coisa que faço de vez em quando, sobretudo quando estou cansado. Mas já me tem acontecido que, por causa dos trabalhos de impressão [ou seja, de revisão dos textos em fase de impressão] e em especial pela enorme quantidade de cartas que tenho de escrever, de correr para o escritório mal acabo de almoçar” (VI, ep. 1759, out. 1526?, ao médico inglês John Francis). Mas nisto como noutros aspectos, torna-se por vezes difícil destrinçar em Erasmo o que traduz uma realidade pessoal daquilo que pode corresponder à evocação de um saber letrado; por exemplo, o hábito de descansar depois de comer podia radicar no conselho aristotélico consultável no tratado de Plutarco *Preceitos sobre o modo de conservar a saúde*, que saiu em Londres em 1513 traduzido por ele próprio. E não esqueçamos que provavelmente na primavera de 1499 já tinha elaborado uma “declamação” intitulada *Elogio da arte médica*, que publicaria em 1518.

Erasmus não tem a percepção da estética do acto físico da escrita – nem poderia ter – como esse outro grande polígrafo que foi Paul Valéry quando confessa, 400 anos mais tarde, o prazer de ter “une plume agréable à la main” (VALÉRY, 1957, 1415) É certo que pode, com ironia, tentar matizar a incidência de alguns textos, como na carta a Tomás More quando, no final, confessa suspeitar que a Rainha de Inglaterra não apreciara a *Instituição do casamento cristão* que lhe havia dedicado em julho de 1526, dizendo: “A minha pena escrevia de modo diferente daquilo que eu queria” (VII, ep. 1804). Com o tempo, sobretudo com as polémicas em volta da questão luterana e do *Ciceroniano*, a referência à actividade da escrita assume imagens de tom guerreiro, como no final de uma carta, já aqui em linhas anteriores utilizada, escrita a Juan Vergara em setembro de 1527: “Acrescento que me é imperioso morrer em combate; é nisso que Froben me é muito necessário, porque me fornece as armas ao longo da batalha” (VII, ep. 1875); ou então na mandada ao cardeal Sadoletto em março de 1531, numa série de símiles: “O cavalo defende-se com os cascos, o cão com os dentes, o boi com os chifres [...]; quanto a mim, não tinha senão a caneta de que sempre desejei me fosse permitido mantê-la sem a sujar de sangue” (IX, ep. 2443). Camilo, que também escreveu tanto, diria que “A minha arma é esta caneta de 10 réis...”

Cada vez mais a saúde vai sendo precária e o cansaço maior – em Dezembro de 1535 escrevia a Damião de Góis que, para além dos males de que já sofria, lhe tinham aparecido escaras no fundo das costas, que lhe não permitiam encontrar apoio, sentado ou de pé (XI, ep. 3077) –, sobretudo diante do espectáculo, para ele tão deprimente, do menosprezo a que, na Alemanha luterana, “as boas letras” eram votadas, quando toda a sua vida fora de combate pelo seu desenvolvimento. Até por causa das consequências sociais que daí advinham; na dedicatória da sua edição de *Algumas homilias de S. João Crisóstomo*, que Froben fez sair em 1533, endereçada a Johann Paungartner, sublinhava não só a importância de educar os filhos no estudo e no trabalho, mas também os benefícios respectivos: “Se assim fosse, a nossa Germânia teria menos vagabundos, preguiçosos, gatunos, mercenários; é pela incúria dos pais que muitos rapazes chegam aos vinte anos totalmente analfabetos e desprovidos de qualquer arma contra a ociosidade, fonte de todos os vícios, e contra a miséria, dona de bom número de males” (X, ep. 2774). Esta imagem das cidades do centro da Europa, que era no fundo o seu mundo, é, sem dúvida, um dos sintomas mais marcantes da reacção de Erasmo à realidade bruta e grosseira da comunidade cidadina. Ainda no texto do último colóquio que fez publicar, o *Epicurista*, integrado na edição de 1533 dos *Colóquios* evocava os jovens infectados por uma “nova lepra” a que dão o nome de “mal napolitano”, ou seja a sífilis, os quais andam pelas cidades como autênticos

“cadáveres vivos circulantes” (ASD, 1972: 726).

A casa é cada vez mais o seu “ninho”; aí sempre apreciara receber, com ansiedade crescente, as visitas, mesmo quando alteravam a simplicidade diária, como escreve ao arcebispo polaco João Laski aquando da sua visita em 1525 – em 1527 vendeu-lhe a biblioteca, reservando o usufruto dos livros, e dedicou-lhe a edição dos quatro volumes das obras de Santo Ambrósio deste ano: “foi-me preciso transpirar durante alguns meses para repor no seu primeiro estado de simplicidade esta casa estragada pelo teu luxo” (VI, ep. 1674, mar. 1526). A metáfora do “ninho” surge nas cartas do período de Friburgo, marcado pelas saudades de Basileia (VIII, ep. 2162, mai. 1529), como por exemplo “agora, em pleno inverno, não é prudente voar para fora do ninho,” (IX, ep. 2397, out. 1530); “tenho de passar o inverno neste ninho” (IX, ep. 2565, nov. 1531).

A casa é o seu mundo; trata de proteger o melhor possível esse “ninho” dos incómodos citadinos – os maus cheiros, a porcaria, a vagabundagem –, como conta a Rinck em carta de setembro de 1531 (IX, ep. 2534): “Viajo ainda ao estrangeiro na minha própria casa porque, ainda que espaçosa, não tem canto algum a que possa confiar o meu pobre corpo com segurança.” Para se proteger mandara fazer num compartimento um fogão de sala e revestir com um lambril o chão de tabuinhas e as paredes; mesmo assim “não confio totalmente nisso por causa do mau cheiro dos canais.” É curioso que nunca coloca a hipótese de se refugiar no campo... Mas se o quarto é cada vez mais o seu mundo, não chega a imaginar uma viagem no seu interior, como Xavier de Maistre com a *Voyage autour de ma chambre*. Só por exercício de imaginação poderíamos vê-lo naquela posição que o autor francês entendia a melhor para reflectir (cap. XXXIII), isto é, sentado numa cadeira de braços, com as pernas estendidas por cima do fogão que mandara fazer para si, para fugir da chaminé colectiva tão vulgar nas casas alemãs.

Diz-se septuagenário, mas não tem mais do que 62 anos; evoca a sua velhice decrepita (IX: 390) – mas aos quarenta anos já havia escrito o *Canto da velhice*, por onde perpassa já a preocupação quanto à decrepitude que pressente chegar (MARGOLIN, 2010: 307) –, alude ao “pobre desdentado que eu sou” (VIII, ep. 2295, mar. 1529/30), preocupa-se com o pagamento das pensões que lhe haviam sido concedidas, mas se pensa em mudar de lugar é sempre para uma cidade. No verão de 1530, no turbilhão da questão religiosa e política, lamentarase, em Friburgo, de que “em parte alguma vejo um porto tranquilo” (VIII, ep. 2355). Na noite de 6 para 7 de junho de 1536 morre em Basileia, para onde fora com o intuito de seguir de perto a impressão do *Ecclesiastes*; nas últimas horas esteve sempre a seu lado o amigo Conrado Pelicano. Nesse momento, com certeza subscreveria cristãmente o voto de Séneca: “in freto uiximus, moriamur in portu” (*ad Luc.* 19.2).

O pesar depressa correu pela Europa das letras e da política. O fascínio, favorável ou desfavorável, que exercera junto dos contemporâneos não dependera só do seu enorme saber letrado e literário, mas também das características pessoais. Visando evidentemente o contraste entre as duas figuras, numa carta que lhe envia a 4 de junho talvez de 1520, Luís Vives deixou um juízo certoiro a propósito de Guillaume Budé: “dir-se-ia que no peito deste homem existe uma biblioteca, não um coração” (IV, ep. 1108). Sobre Desidério Erasmo, porém, Vives nunca teria sido capaz de dizer tal coisa. No fundo, se Erasmo tivesse lido os versos de Álcman citados no início destas linhas pensaria, de certeza, que essas palavras podiam condensar certeiraemente um possível balanço da sua vida.

BIBLIOGRAFIA

Opera Omnia Desiderii Erasmi Roterodami Recognita et Adnotatione Critica Instructa Notisque Illustrata (= ASD) (1972), I-3, Amsterdão, Horth Holland.

Opus Epistolarum Des. Erasmi Roterodami, ed. P. S. Allen e H. W. Garrod, 11 vols., Oxford, Clarendon, 1906-1947 (= *La Correspondance d'Érasme*, dir. Aloïs Gerlo e Paul Foiries, 11 vols., Bruxelas, University Press, 1967-1982). [Como é usual na utilização das Cartas de Erasmo, a numeração romana remete para os volumes da edição Allen-Garrod]

BIERLAIRE, Franz (1968) - *La familia d'Érasme. Contribution à l'histoire de l'humanisme*. Paris: Librairie philosophique J. Vrin.

BOYLE, Marjorie O'Rourke (1977) - *Erasmus on language and method in theology*. Toronto-Buffalo : University of Toronto Press.

CHANTRAINE, Georges (1971), *«Mystère» et «Philosophie du Christ» selon Erasme*. Namur : Editions J. Duculot, Gembloux.

HALKIN, Léon-E. (1969), *Erasmus*, trad. Del francés Martínez Peñaloza. México: FCE, 1971.

HOLBORN, Hajo (1964) - *Desiderius Erasmus Roterodamus, Ausgewählte Werke in Gemeinschaft mit Annemarie Holborn Herausgegeben von*, Munique: C. H. Beck.

LOURENÇO, Frederico (2008), *Novos ensaios helénicos e alemães*, Lisboa: Cotovia.

MARGOLIN, Jean-Claude (1969) - *Recherches Érasmiennes*, «Erasme et la musique». Genebra: Librairie Droz.

MARGOLIN, Jean-Claude (1973) - *Guerre et paix dans la pensée d'Érasme*. Paris: Aubier Montaigne.

MARGOLIN, Jean-Claude (1993) - *Érasme : une abeille laborieuse, un témoin engagé*. Caen: Paradigme.

MARGOLIN, Jean-Claude (2010) - *Érasme. Eloge de la Folie et autres écrits*. Paris: Robert Laffont.

MUMFORD, Lewis (1961) - *The City in History. Its Origins, Its Transformations, and Its Prospects*. Nova Iorque: Harcourt, Brace, & World.

The Poems of Desiderius Erasmus (1956), ed. de C. Reedijk. Leiden: E. J. Brill.

VALÉRY, Paul (1957-1960) - *Oeuvres, «L'invention esthétique»*, vol.II. Paris: Gallimard.